

# A MAGIA DO REAL EM *FONTE DAS PEDRAS*

---

Hugh Fox

Cid Seixas, o autor de *Fonte das pedras*, publicado pela Editora Civilização Brasileira (Rio de Janeiro, Brasil), dá o melhor de si quando se coloca fora do mundo real para penetrar no mundo da palavra. Ele é um grande inventor-criador da poesia brasileira, mas perde em densidade quando atinge o que podemos chamar de Ar-Real no Tempo-Real.

Ele pode, por exemplo, escrever o que eu considero o pior poema do li-

vro: “To speak is to dominate / the magic symphony / of language”. (Falar é dominar / a sinfonia mágica da língua”.)

Ponha isso ao lado do praticamente intraduzível (mas eu traduzirei aqui) poema “Bellogos”:

*“Athens is dead. Hardly  
a page  
in the book of lamentations,  
a remembrance of the prophet  
[ Jeremiah:  
biblical tear,  
or  
citrically  
contained  
in the poet Cassiano.  
The bricklayer seizing the magician.*

*Poor Peter,  
neither poet nor prophet  
in the plaza of the monuments:*

*he became stone  
and drust.”*

“Atenas  
está morta.  
Apenas  
uma página  
no livro das lamentações,  
lembrança do profeta Jeremias:  
lágrima bíblica,  
ou,  
citricamente  
contida  
do poeta Cassiano.  
O pedreiro prendeu o mágico.

Pobre Pedro,  
Nem poeta nem profeta  
Na praça dos monumentos:  
Fez-se pedra  
e pó.”

Este é um texto que se afigura bem  
melhor. É suculentemente ambíguo,

dá-me uma chance de suar criticamente um pouco. Ele está buscando relações entre o contexto brasileiro e Atenas? Entre a obra de Cassiano Ricardo e as profecias de Jeremias? É claro que a poesia de Cassiano Ricardo e a autobiografia de Cassiano Ricardo são duas partes da mesma superfície do espelho... e o pobre Pedro, então? Neste poema estamos nos movendo do clássico para o cristão, num jogo de alusões e referências. Mais precisamente, trata-se de uma visão do Brasil contemporâneo aniquilado pela ditadura. Pedra e pó.?

O baiano Cid Seixas, cujo discurso pode evocar o do – jovem – Allen Ginsberg (embora ele não seja judeu), consegue o de melhor quando trata as palavras como símbolos cabalísticos de mistério no quadro negro enigmático da teoria pura.

Este volume, denominado *Fonte das pedras* – que incorpora o seu *Sig-*

*no selvagem*, de 1978 – coloca Cid Seixas na principal corrente da poesia brasileira contemporânea. O que ele faz jus, pelo seu trabalho e pelo seu texto.

Minha única observação seria: conserve-se mágico e deixe a política de rua para os pedreiros. Ao tentar o político ele chega ao segundo poema ruim do livro (disputando vigorosamente com o outro). Título: “Política / Politics”.

*“The mestizo mankeys  
remember the lesson  
of the thee Chinese monkeys:  
– Speak no evil.  
– Hear no evil.  
– See no evil.*

*Act no evil  
dare no evil  
flee no evil.”*

“Os macacos mestiços  
relembam a lição  
dos três macaquinhos chineses:  
– Não falo.  
– Não ouço.  
– Não vejo.

Não ajo  
não ouso  
não fujo.”

É muito diferente dos poemas de *O Signo selvagem*, onde vemos o coração da semântica, da palavra, do texto.

Cid Seixas não precisa de um crítico, ele precisa de um signo na estrada de Damasco, para lhe dizer que permaneça Saul e deixe a outro alguém ser Paulo e saia do simbólico para o real, porque um mundo real ele atingirá de qualquer maneira. Ouve o ressoar do verbo... é como um buraco

negro no espaço, que tudo devora (tão negro que se perde dos olhos, não sendo visto na sua negritude). Tudo vai para ele. É força em sua pre-tidão/peso/obscuridade.

---

O texto acima foi traduzido, em 1980, da revista *Southeast Rising Sun* pelo próprio autor, Hugh Fox. Nascido em Chicago, Illinois, em 1932, faleceu em 2011, em East Lansing, Michigan. Poeta, romancista, antropólogo e estudioso de destaque, ensinou de 1968 a 1999 na Michigan State University. Traduziu e publicou na sua discutida editora de vanguarda GHOST DANCE o livro bilíngue *The savage sign / O signo selvagem*.